

>> *Temática Especial*

A rua é nossa: aprender em movimento para jovens skatistas do litoral do Piauí

Krícia de Sousa Silva¹

Shara Jane Holanda Costa Adad²

Resumo:

Este trabalho investiga jovens skatistas de Luís Correia (PI), buscando aproximar as experiências do skate com as práticas de aprendizado em movimento que ocorrem nos múltiplos contextos das cidades. Tem-se em vista a seguinte problemática: Quais os conceitos produzidos pelos jovens skatistas de Luís Correia (PI) acerca do aprender na relação com movimento? Em meio a esta problemática surgem questões norteadoras, tais como: O que pensam os jovens que andam de skate em Luís Correia (PI) sobre o aprender na relação com o movimento? O que estes jovens aprendem com o corpo em movimento? Como aprendem? Quais seus saberes? O método escolhido para esta pesquisa foi a sociopoética, abordagem metodológica que admite o corpo como produtor de conhecimentos e valoriza os saberes das culturas de resistência, como no caso, de jovens skatistas, permitindo a produção em coletivo de conceitos sobre um tema gerador que, neste caso, é o aprender na relação com o movimento. Conclui-se que estes jovens põem em prática um aprendizado pela experiência, que rompe com o aprender cristalizado das escolas, enfatiza a importância do corpo em movimento e torna os jovens livres e empoderados de si, permitindo a desconstrução do corpo silencioso e tímido.

Palavras-chave:

Juventude. Skate. Sociopoética.

The street is ours: learn on the move second young of the coast Piauí

Abstract: *This work investigates young skateboarders from Luís Correia (PI), seeking to approximate the skateboarding experiences to the learning practices in movement that occur in multiple city contexts. The following problem is considered: What are the concepts produced by the young skateboarders from Luís Correia (PI) about learning in relation to movement? In the midst of this problem, guiding questions arise, such as: What do young people who skateboards in Luís Correia (PI) think about learning in relation to the movement? What do these young people learn with their bodies in movement?*

¹ Doutoranda em Educação. Bolsista CAPES/CNPQ na Pós-Graduação em Educação PPGED/UFPI. E-mail: kriciasousa@hotmail.com. ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0002-3169-8849>.

² Doutora em Educação. Professora do Departamento de Fundamentos da Educação (DEFE) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: shara_pi@hotmail.com. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-7711-6325>.

How do they learn? What is your knowledge? Sociopoetics was the research method chosen because is a methodological approach that admits the body as a knowledge producer and values the knowledge of resistance cultures, as in the case of young skateboarders, allowing the collective production of concepts from a generating theme that, in this case, it is learning in relation to the movement. It is possible to concluded that these young people put into practice a learning through experience, which breaks with the crystallized learning of schools, emphasizes the importance of the body in movement and makes young people free and empowered of themselves, allowing the deconstruction of the silent and shy body.

Keywords: Youth. Skateboard. Sociopoetic.

La calle es nuestra: aprender en movimiento para los patinadores jóvenes de la costa del Piauí

Resumen: Este trabajo investiga los patinadores jóvenes de Luis Correia (PI), buscando aproximar las experiencias deportivas de skate con el movimiento de las prácticas de aprendizaje que se dan en múltiples contextos de ciudades. Tiene en cuenta las siguientes cuestiones: ¿Cuáles son los conceptos producidos por los patinadores jóvenes de Luis Correia (PI) sobre el aprendizaje en relación con el movimiento? En medio de estos problemas surgen preguntas orientadoras como: ¿Qué crees que los jóvenes que viajan en patineta en Luis Correia (PI) sobre el aprendizaje en relación con el movimiento? Lo que estos jóvenes aprenden con el móvil? Cómo aprenden? ¿Cuáles son tus conocimientos? El método elegido para esta investigación fue el sociopoética, enfoque metodológico que admite el cuerpo como productor de conocimiento y valora el conocimiento de las culturas de resistencia, como en el caso de los patinadores jóvenes, lo que permite la producción de conceptos colectivos sobre un tema generador que en este caso es el aprendizaje en relación con el movimiento. Concluye de que estos jóvenes pusieron en marcha un aprendizaje por la experiencia que rompe el cristalizado aprender de las escuelas, hace hincapié en la importancia del cuerpo en movimiento y los hace libres y la facultad de los propios jóvenes, lo que permite la deconstrucción del cuerpo tranquilo y tímido.

Palabras clave: Juventud. Monopatín. Sociopoética.

Introdução

Os seres humanos, especialmente os jovens, são capazes de aprender por meio de interações entre si e com o meio em que vivem. Nesse sentido de aprender, acreditamos que a educação é um processo rico em vida, intenso de experiências e cheio de significados para seus aprendizes. Porém, o que temos visto nas escolas (loais prioritariamente dedicados ao processo de ensino e de aprendizagem) é uma realidade que pouco condiz com a criação, a socialização e a experiência das juventudes. Na verdade, na contemporaneidade, devido ao processo de globalização, mercantilização e consumismo, a escola tem voltado seus objetivos para um aprender que se remete basicamente à memorização de conhecimentos e saberes necessários para a aprovação dos jovens no vestibular e contratação desses sujeitos no mercado de trabalho, pois a vida voltada para o consumo rejeita todas as opções culturais alternativas que não reforcem ou encorajem um estilo de vida individualista e competitivo (BAUMAN, 2008).

Entendemos, enquanto partícipes do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Cidadania (NEPEGEI) e partícipes do Observatório das Juventudes e Violências nas Escolas (OBJUVE), do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), que é preciso romper com este modelo de educação, ensino e aprendizagem presente

em muitas escolas da atualidade, pois pensamos que este modelo inativo de aprender não satisfaz efetivamente as necessidades dos aprendizados e da formação juvenil. É preciso que a escola se aproxime dos jovens para compreendê-los e pensar a sala de aula através de dispositivos que mobilizam o interesse e a vontade de aprender.

Neste contexto, destacamos que os jovens têm tendência a tudo relativizar – o valor da educação, do emprego, da família e dos relacionamentos – e não fazem isso sem razões, já que todos estão sujeitos a inconstâncias, flexibilizações e segmentações presentes no contemporâneo (PAIS, 2006). O aprender, ao nosso ver, não se deixa excluir. Outros modos de aprendizados e educação são constituídos pelas juventudes em múltiplos espaços que se expandem infinitamente para além da escola que muitas vezes os desconhece, ou mesmo não valoriza ou os entende. Assim, acreditamos ser necessário considerar a riqueza de possibilidades experimentadas nos espaços de sociabilidades destes jovens, que se expressam especialmente por meio da arte como a dança, a música, a poesia, o teatro dentre outros. Para este segmento elas são mais importantes do que o caráter racional-instrumental (SPOSITO, 1996, p. 100). Portanto, a criatividade, a performance e os modos de aprender de diferentes grupos juvenis devem ser entendidos como sociabilidades e como novas formas de aprendizagens voltadas ao âmbito artístico, cultural e social, pois as “[...] culturas juvenis são performativas, por que, na realidade, os jovens nem sempre se enquadram nas culturas prescritivas que a sociedade lhe impõe” (PAIS, 2006, p. 7). Entretanto, o que normalmente acontece é que as expressões resultantes destas criações são vistas com certo desprestígio porque fazem uso da arte e do esporte para expressar seus desejos, valores e interesses e porque, na maioria das vezes, ocorrem fora do âmbito institucionalizado da escola.

O conceito de educação ao qual nos reportamos neste artigo, portanto, é muito mais amplo do que a que se restringe apenas aos espaços instituídos para promover o processo de ensino-aprendizagem. Em decorrência disso, a educação é apresentada no plural, existindo, portanto, diversos modos de processos educativos com múltiplas possibilidades de se ensinar e aprender. A formação de valores, a troca de saberes e a própria subjetividade, fazem parte do amplo leque de possibilidades educativas que se abrem nos múltiplos contextos da cidade, e que não se restringem somente à escola. É preciso ressaltar que o que se aprende, o que se ensina e se constrói nessa perspectiva educacional está estreitamente vinculado aos afetos e afinidades, à rotina e aos prazeres dos indivíduos que a colocam em prática (CARRANO, 2003).

Na rua, os jovens se encontram para trocar ideias, dançar, arrumar paqueras, praticar esportes radicais e realizar outras atividades que são tipicamente exercidas pelas Juventudes. Consideramos importante de se perceber as relações humanas colocadas em ação na cidade pelos jovens como uma esfera educacional ampliada que se realiza na heterogeneidade de territórios sociais praticados, pois “[...] vivemos situações que não foram intencionadas para serem educativas, mas que, efetivamente, geram efeitos educativos” (CARRANO, 2003, p. 16). Nesse contexto, aprender na rua como prática de sociabilidade é visto como uma espécie de educação informal, na qual a pedagogia é cega, pois não é valorizada pela escola, nem pela sociedade. A desvalorização dos saberes constituídos na rua dá-se pelo fato de que este espaço foi pensado pelo meio social, como sendo o território das multidões ameaçadoras, do perigo e do medo. Entretanto, para os jovens

A rua é o campo de múltiplas sociabilidades, numa mundanidade que permite a proliferação das multiplicidades, a fusão entre os jovens e o resto da cidade. Invadem os diversos espaços urbanos, identificam-se com as áreas de maior movimento, em sintonia com a diversidade de ritmos, sons, imagens das ruas. Tornam-se atores por excelência das novas dinâmicas urbanas em que a velocidade, o movimento e a visibilidade são suas referências, refletindo o nosso tempo, sendo protagonistas desse final de século. A rua é desse modo, o espaço onde modelam seus corpos, agrupando-se em bandos criando e recriando seus próprios símbolos. (ADAD, 2011, p. 60).

Desse modo, o que podemos afirmar é que a vida na cidade cresceu, e, assim, o âmbito urbano se acentuou, permitindo o surgimento de diferenciados sujeitos que passaram a interagir e construir, no contato social, novas formas e códigos de agir. Entre as novas práticas culturais realizadas na cidade, daremos destaque ao skate, esporte radical que teve origem no Brasil, na década de 1960, despertando nos jovens o interesse pelo risco, a aventura e o movimento radical do corpo (BRANDÃO, 2011).

No skate, o corpo é explorado com grande intensidade e é com ele que os jovens realizam diversas manobras, pulos e saltos, que fazem parte dessa prática esportiva, é com ele também que os jovens experienciam a cidade e seus territórios. Portanto, estes aprendizados de saltos e de tombos são aqueles em que ousamos viver a experiência, saltar do abismo dos desafios que a vida nos proporciona (ADAD; SILVA, P., 2013, p. 24-47), em outras palavras, esses modos de aprender se efetivam de modo insurgente, deslocando o olhar para o que é sensível, permitindo as juventudes se desafiar corporalmente ao romper com os engessamentos que a escola instaura a partir da disciplina por meio do controle dos corpos, já que “um corpo dócil, abriga um indivíduo dócil” (NASCIMENTO, 2004, p. 28). Aprender, pois, pela experiência, permite aos corpos juvenis a (auto)produção de saberes do que se aprende e de como se aprende, possibilitando saberes não descartáveis ou fáceis de serem esquecidos, que deixam marcas, vestígios que o corpo não esquece e, portanto, são muito mais significativos para as juventudes da atualidade (LARROSA, 2015).

Buscando por uma aproximação mais efetiva sobre as experiências do skate e as práticas de aprendizado em movimento que ocorrem nos múltiplos contextos das cidades, esta pesquisa investigou jovens skatistas habitantes da cidade de Luís Correia, litoral do Piauí. Aqui, apreendemo-los enquanto sujeitos da pesquisa e enquanto corpos deslizantes em movimento, que circulam pelas praças, pelas ruas, pelos bancos, pelos corrimões, dentre outros espaços. Espaços que são percorridos por corpos... Corpos que deslizam, desviam, pulam, caem, levantam e seguem em frente. Espaços que são representados e apropriados por eles... Espaços que são do skate (BRANDÃO, 2011).

Durante o percurso, nós buscamos ver e ouvir o que os skatistas têm a dizer sobre o aprender na relação com o movimento que rompe com o aprender cristalizado nas escolas, assim como os problemas e os conceitos de aprender que eles constroem junto à prática do skate. Desse modo, este artigo objetiva analisar os confetos (conceito + afeto) produzidos pelo coletivo de jovens skatistas de Luís Correia (PI) sobre o aprender na relação com o movimento, tendo em vista os processos de criação e de sociabilidades, seus saberes e os problemas que os mobilizam na contemporaneidade.

Assim, apresentamos a seguinte problemática: Quais os confetos produzidos pelos jovens skatistas de Luís Correia (PI), acerca da relação com o aprender em movimento? Diante dessa problemática, surgem as questões norteadoras: O que pensam os jovens que andam de skate, em Luís Correia (PI), sobre o aprender na relação com o movimento? O que esses jovens aprendem com o corpo em movimento, andando de skate? Quais seus saberes? Que problemas os mobilizam em relação ao aprender? Quais as linhas de resistência que os jovens skatistas produzem frente às concepções instituídas de aprender? Que potencialidades corporais são desenvolvidas pelos skatistas, enquanto prática desse esporte, frente aos problemas que os mobilizam no contemporâneo acerca do aprender na relação com o movimento? Assim, a pesquisa justifica-se pelo nosso interesse em valorizar a produção do conhecimento realizada por jovens skatistas nos seus espaços de sociabilidades tendo em vista seus conceitos permeados de afetos sobre o aprender, em especial nos seus processos de criação.

Para realização de tal estudo, pensamos, enquanto estudiosas de práticas culturais juvenis, que ao se fazer pesquisa com jovens skatistas e pensar essas questões com/entre esses jovens sobre o aprender no espaço contemporâneo e em constante relação com movimentos corpóreos, é preciso fazer uso de metodologias dinâmicas e prazerosas, portanto, utilizamos a sociopoética, método de pesquisa qualitativa que admite o corpo como produtor de conhecimentos e valoriza os saberes das culturas de resistência, como no caso, de jovens skatistas, permitindo a produção em coletivo

de conceitos sobre problemáticas que circundam um tema-gerador. Este método permite que o pesquisador tenha liberdade para criar técnicas e dispositivos artísticos que estimulem o pensamento, o corpo e a criatividade do grupo. Assim, encontramos nessa abordagem metodológica um novo modo de construir o conhecimento voltado para a capacidade inventiva do homem, a partir do qual categorias como corpo, arte, educação e movimento surgem como possibilidades de problematizar a vida de jovens, permitindo a criação de outros conceitos a partir de emoções e afecções coletivas que nos ajudaram a responder às questões aqui propostas (ADAD; SILVA, K., 2016).

A sociopoética faz o corpo jovem falar sobre o lugar do aprender em movimento

A sociopoética é um método de pesquisa qualitativa que se orienta por cinco princípios básicos: o reconhecimento do corpo como fonte de conhecimento; o pesquisar entre as pessoas de um grupo; a valorização das culturas de resistências e dos saberes que elas produzem; o uso de recursos artísticos na pesquisa, no aprender e no conhecer; e a busca do sentido espiritual e humano nas formas e nos conteúdos do procedimento de construção dos saberes (GAUTHIER, 1999). É uma metodologia que se encontra no entre da arte, da ciência e da filosofia. Pois, o que se faz nesse método de pesquisa é exatamente um furo entre essas três fronteiras, transversalizando-as de tal forma que o resultado é um “tecer-juntos, é uma criação coletiva de um intertexto, de um tecido onde se cruzam os saberes, na esperança da emergência de uma roupa nova, nunca vista: de um conhecimento inovador” (GAUTHIER, 2003, p. 302). Na busca por esse caminhar que constrói saberes no coletivo, que se propõe ao movimento, ao novo, às trocas e aos afetos, iniciamos o planejamento da oficina sobre o aprender em movimento com os jovens skatistas da cidade de Luís Correia, litoral do Piauí.

A técnica que escolhemos para a investigação proposta neste estudo foi “o lugar do aprender”, porque acreditamos que nessa oficina existe um grande potencial para a criação, usando materiais plásticos facilmente encontráveis e de preços acessíveis. Além disso, a técnica também segue de encontro aos objetivos desta pesquisa, de pensar outros modos e locais para se aprender, que não se remetem apenas a escola ou a aprendizagem institucionalizada. As análises e as criações feitas no coletivo pelo grupo-pesquisador¹, deixaram evidente a potencialidade que a sociopoética tem para construir uma pesquisa inusitada, pois, no decorrer do processo da pesquisa, vivendo com/entre os jovens skatistas, soubemos que, por meio dela são fortificados os laços de amizade e do coletivo, as subjetividades afloram, e a descoberta do pensamento do grupo-pesquisador vem à tona.

Iniciamos a pesquisa de campo a partir de uma negociação com os jovens skatistas no centro dos idosos de Luís Correia, local onde consolidou-se o grupo-pesquisador composto por sete jovens. Para esse momento, foi preciso um tempo de aproximação, a fim de conquistar a confiança e criar intimidade com os membros do grupo, desse modo, desenvolvemos uma técnica sociopoética para apresentação dos skatistas, de modo que cada um pudesse criar um pseudônimo e falar um pouco sobre si mesmo a partir dele. Os pseudônimos criados foram: Kamalyon, Tranquilo, Dito, Vaiola, Hiamashyta, Polly e Gessy.

Com o grupo-pesquisador formado, servimos um lanche para socializarmos e, em seguida, arrumamos o local para o desenvolvimento da oficina, pedindo aos jovens que se aproximassem do centro da sala, pois faríamos algumas brincadeiras para descontrair e gastar as energias absorvidas durante o lanche. O momento das brincadeiras foi bastante prazeroso para os jovens, pois todos sorriam muito e mostravam estar se divertindo com a atividade. Entendemos o quanto o

1 O grupo-pesquisador é um dispositivo que transforma o público-alvo da pesquisa em efetivos pesquisadores durante a investigação, pois é fortalecida a percepção de que existe uma produção de dados grupal, e não apenas uma coleta. Por esta razão, a própria escrita do termo “grupo-pesquisador” é feita com hífen para fortalecer a ideia de um estudo construído coletivamente (SILVA, K., 2018).

movimento é capaz de alegrar o corpo, de despertá-lo, pois, após o lanche, o grupo havia ficado cansado, mas, ao término da brincadeira, tinham voltado a se empolgar para vivenciar a oficina sociopoética.

Dando continuidade a vivência da técnica proposta, pedimos que os jovens se sentassem e buscassem acalmar seus corpos, pois iríamos desenvolver uma atividade de relaxamento. Para Gauthier (2012), o relaxamento é de suma importância durante a produção de dados e é desejável em cada sessão de pesquisa sociopoética, tanto no início quanto no término, já que marca o encontro ritualístico do grupo e sua formação. O relaxamento propicia o encontro entre os copesquisadores, a confiança recíproca, a expressão impensada, a superação dos temores, a formação de um coletivo acolhedor, que, por outro lado, não deixe de mobilizar um espírito crítico e autocrítico. Por conseguinte, dando instruções para que os jovens deitassem em círculo, esperamos que estivessem todos bem à vontade. Em seguida, iniciamos a seguinte leitura de uma viagem imaginária ao lugar do aprender em movimento, o texto utilizado segue abaixo:

Nesse momento, feche os olhos e respire profundamente 3 vezes pelo menos. Procure se concentrar. Respire. Tenta relaxar o seu corpo, esquecer dos eventos que ocorrem fora deste espaço. Esquecer e respirar. Enquanto respira, comece a se imaginar em outro lugar. Para chegar em outro lugar, você deve caminhar. Se puder, caminhe com os pés descalços pelo chão. Sinta este contato com a terra... Prepare-se para a viagem. Para isso você caminha, olha para os lados, observa o caminho que te leva ao lugar do Aprender na relação com o movimento. O que você vê? De repente, você encontra um obstáculo que te impede de continuar andando pelo caminho que te levará ao lugar do APRENDER. Como é esse obstáculo? É uma pessoa? Uma coisa? Quais seus sentimentos em relação a este obstáculo que te impede de chegar ao lugar do APRENDER? O que pode seu corpo frente a este(s) obstáculo(s)? Como superar o obstáculo que te impede de chegar ao lugar do aprender em movimento. De repente, você chega uma ajuda que potencializa a ultrapassa o obstáculo. Quem é essa ajuda? Como essa ajuda te leva a passar pelo obstáculo que te impedia de chegar ao lugar do APRENDER? Com a ajuda, você continua caminhando e vê ao longe uma ponte que te leva direto ao lugar do APRENDER. Aproxime-se da ponte. Você consegue passar? O que você vê? O que você sente? Você atravessa a ponte e chega ao lugar do aprender. Como é o lugar do aprender? O que ou quem você encontra no lugar do aprender? Que relação há entre o APRENDER E O MOVIMENTO neste lugar? Quais são os personagens que habitam este lugar? O que se aprende neste lugar? Quais os saberes de quem vive neste lugar onde se APRENDE NA RELAÇÃO COM O MOVIMENTO? Retornando, você começa a voltar da viagem para o lugar do APRENDER. Mas continua a lembrar de tudo que viu neste lugar. Retornando, você mexe os pés, lentamente mexe as pernas e os braços. Abra os olhos. Não converse com ninguém para não perder a concentração deste lugar do APRENDER.²

Após a vivência da viagem imaginária, pedimos que os jovens se sentassem e escolhessem o material plástico disposto pelo chão para fazer sua produção. Na ocasião, foi grande a concentração e entrega do grupo, pois talvez ainda anestesiados pelos pensamentos surgidos durante a atividade, ficaram quietos e centrados em suas próprias produções.

Práticas educativas radicais: resultados e discussões a partir da produção dos confetos

Finalizado o momento de produção plástica do grupo-pesquisador, solicitamos que todos sentassem em círculo para começarmos uma roda de conversa em que o grupoalaria a respeito do

² A autoria do texto tem como fonte o acervo do OBJUVE – Observatório das Juventudes e Violências na Escola.

lugar do aprender que cada um produziu. Assim sendo, no momento de socialização dos sentidos atribuídos às produções feitas, estabelecendo conexões entre os elementos e o tema-gerador, no caso, “o aprender na relação com o movimento”, os jovens tornaram à roda de conversa cheia de estranhamentos, desnaturalizando ideias prontas sobre o que é aprender a partir de sua criação. Exemplo disso é o depoimento do copesquisador Tranquilo, que relata:

Aprender é aprender mais com as quedas, porque é andando de skate que você aprende que cair não é sinônimo de imperfeição, mas, sim, que cair é necessário para o aprendizado [...] O nome deste lugar do aprender acho que seria a pista de skate, mas não só a pista de skate, a rua também, toda a cidade, porque, na verdade, a nossa modalidade é o *street*, então o verdadeiro sinônimo é andar na rua e é lá que você aprende muito mais que na escola, porque na rua você pode ver um bêbado, um drogado, pessoas vulgares, pessoas cultas, com cada tipo de pessoa você vai aprendendo uma coisa diferente e isso é o que faz o diferencial em cada skatista, é o modo como ele aprende com cada pessoa que vai passando por sua vida. (Copesquisador Tranquilo).

À medida que cada jovem socializava suas ideias, os outros iam problematizando-as e fazendo ligações com suas próprias produções, construindo um verdadeiro emaranhado de saberes sobre o aprender na relação com o movimento, também perceptível na fala de outros membros do grupo, vejamos:

O Tranquilo tem muita razão, com o skate a gente aprende quando a gente tá caindo, porque daí, a gente vai, tenta de novo, e a gente consegue atingir o objetivo. Assim como a gente pode usar isso na vida, onde um dia a gente pode tá mal, mas, no outro, a gente pode criar coragem e se levantar. Então, aprender com o skate é tipo aprender com a vida, a gente cai, mas tem que aprender a levantar, como a gente tem que aprender a usar isso no dia a dia. (Copesquisadora Polly).

Aprender neste dia de muito skate é fazer novas amizades, andar pelas ruas, andar de skate, aprendizagens coisas novas também, é uma viagem! Meu corpo aprende se movimentando, se relacionando com as outras pessoas, conversando. Meu corpo nesse aprender, ele pode ir até o limite dele, mas nunca cheguei nesse limite. Não há limite do aprender, sempre posso ir além. (Copesquisador Dito).

Aprender em movimento é aprender com a vida, aprender com os seus erros, com o que você pode oferecer a vida e você vai aprendendo com tudo que ela te retribui. E só depende de você, você tem que se movimentar para ir atrás e se superar, né? Aprender na espiritualidade é fazer o bem, seguir o caminho certo. [...] Para aprender você tem que estar bem espiritualmente e fisicamente, então, o movimento do corpo é essencial para todo o aprendizado na vida. Nessa viagem, meu corpo se sentiu muito bem, pois nesse lugar, desse aprender, a gente não é obrigado a nada, a gente faz as coisas pois gosta de fazer, de aprender e de viver. (Copesquisador Kamalyon).

O que pudemos observar é que o dispositivo artístico levado aos jovens por meio da metodologia da sociopoética, relacionado às suas experiências de aprendizado nos múltiplos espaços da cidade, proporcionou outras perspectivas do que é aprender, relacionadas não à escola, ao saber institucionalizado, ao sedentarismo e à disciplina, mas ao movimento, às sociabilidades, ao prazer e à experiência. A educação e o aprender, que aqui entram em cena, a partir das produções dos jovens skatistas, expande-se para fora dos muros da escola, não se reduzindo a apenas um espaço determinado, acontecendo, portanto, em múltiplos lugares, e, assim, passando a existir de diversos modos.

Nesses processos educativos são várias as possibilidades de aprendizados e de vivências que estimulam a se pensar em formas de aprender baseadas no prazer e na alegria, voltadas para a experiência, o movimento, as paixões e a vida que existe no ato de aprender, que podem ser exemplificados na produção do confeto “Cidade-pista-de-skate Paraíso do Aprender” no qual o aprender em movimento acontece na pista de skate, e não somente nela, mas na rua e em toda

a cidade. Na verdade, uma das modalidades do aprender skate é o *street*. Então, o sinônimo de aprender para os copesquisadores é andar na rua, pois nela se aprende muito mais tendo em vista que na rua se pode ver um bêbado, um drogado, pessoas vulgares, pessoas cultas; com cada tipo de pessoa você vai aprendendo uma coisa diferente e isso é o que faz o diferencial em cada skatista. Por isso, o conceito permeado de afeto da “Cidade-pista-de-skate Paraíso do Aprender” é um lugar enorme que tem diversidade, leveza, diferença, muito aconchego e várias pessoas diferentes que podem se relacionar e o nome disso tudo junto é paraíso. Este confeto nos permite compreender que para os jovens skatistas a cidade é uma “arena cultural” termo que Carrano (2003) utiliza para reconhecer que a produção da comunicação urbana é resultado de um diálogo multicultural entre sujeitos sociais diferentes. Pois,

A complexidade da vida social nas cidades necessita ser compreendida em sua dimensão comunicacional dialógica. A ideia de que o indivíduo produz sua própria consciência isoladamente, independente das relações sociais concretas, é muito mais fruto da mistificação liberal do que resultante de uma realidade social. (CARRANO, 2003, p. 26).

Neste caso, a “Cidade-pista-de-skate Paraíso do Aprender” se manifesta no desejo dos copesquisadores de conviver com múltiplos sujeitos que também ocupam as ruas e participam de sua formação cultural e social. Esta sociabilidade rizomática resulta no emaranhado de saberes e experiências que os jovens fazem circular, produzindo o diferencial ou a singularidade de cada coletivo de jovens skatistas.

Entretanto, o grupo não pensa uniformemente, um confeto oposto ao anterior, destaca que o aprender não é na pista de skate e, também, não é a escola o local de aprendizagem. Trata-se do “Paraíso do Aprender na Espiritualidade”, que é o lugar do bem da vida, onde se aprende aqui e agora, tem várias cores para poder mostrar que a vida tem muitas coisas boas. É o caminho do aprender com a natureza, não é numa pista de skate, é com os seres humanos e a paz. Aprender com a natureza é uma coisa simples. É aprender num local tranquilo onde não há barulho, onde o único barulho é o das ondas do mar, numa praia deserta, que não tem a ver com o skate. Neste lugar os skatistas afirmam que se aprende a dar valor às coisas simples da vida porque para eles não é qualquer local que é considerado paraíso. Pois, para os jovens skatistas, o paraíso muitas vezes não é um local simples pela sociedade, e sim uma mansão, uma casa, um carro, riqueza etc. Porém, nesse lugar do “Paraíso do Aprender na Espiritualidade” se aprende que a humildade também é essencial na vida do indivíduo.

Sobre essa espiritualidade, a sociopoética nos ensina que envolve a relação do ser humano consigo mesmo, com as outras pessoas e com a natureza à sua volta (GAUTHIER, 2012). Percebemos, então, a partir da filosofia do grupo-pesquisador, que essa espiritualidade não está ligada a um Deus ou a uma religião específica a que estes jovens façam parte. Esta espiritualidade remete-se ao equilíbrio de forças que os seres humanos devem ter com a natureza e o mundo que os cerca, respeitando e valorizando as forças que não são voltadas para a racionalidade, mas para o âmbito do sensível, do inesperado ou até imperceptível. Desse modo,

O homem não pode impor sua forma à natureza com a suposição de que essa forma racional é sinônimo de verdade indiscutível. Mas ele pode aprender da natureza, porque a natureza contém um saber que não é racional, mas que é mais propício para a vida que a organização que os homens se deram em nome da razão. (BAREMBLITT, 2003, p. 21).

No momento o grupo amplia a questão do aprender na espiritualidade, mostrando que compreende a natureza como importante para o seu processo de aprendizagem, possibilitando

ao jovem estar em sintonia com seu corpo e podendo, deste modo, se movimentar com maior habilidade, como é possível perceber na fala a seguir:

Quando você está em contato com a natureza você cria uma ‘vibe’ diferente, uma sensação diferente que para você andar de skate isso é muito legal! Porque o skate tem muito da questão do psicológico, porque se você estiver perturbado você não vai conseguir fazer nada! A natureza ligada ao skate vai ajudar a trazer a tranquilidade para te ajudar a melhorar o ‘rolê’, é tanto que existem muitas pistas em florestas, em meio de matas. (Copesquisador Kamalyon).

Esse pensamento do grupo-pesquisador tem relação com a Teoria da Ecosofia de Guattari que propõe um saber acerca da sociedade, da natureza e da mente, “uma espécie de democracia nosológica onde tudo tem o mesmo nível de valor, tudo é forma de vida, tudo é produtivo e tudo pode ser encaminhado no sentido de uma harmonia crescente” (BAREMBLITT, 2003, p. 22).

Entretanto, existe outro lugar do aprender para os jovens copesquisadores, “o Lugar-Caminho do Aprender ‘dia de skate’”. Isso se mostra de maneira interessante, pois o lugar do aprender é um caminho! E nesse caminho se aprende com muita movimentação e se aprende muita coisa com o skate – principal veículo para se aprender com o movimento. É se movimentando que se aprende a cair e a queda faz seu corpo se adaptar. Onde o corpo não se movimenta, não é skatista, não anda de skate de verdade. No “Lugar-Caminho do Aprender ‘dia de skate’”, aprender é o mesmo que se movimentar bastante, a cada movimento novo se está sujeito a cair e aprender mais com as quedas. É andando de skate que se aprende que cair não é sinônimo de imperfeição, mas sim que cair é necessário para o aprendizado.

No “Lugar-Caminho do Aprender ‘dia de skate’”, marcado por tombos e quedas, percebemos a produção de um Currículo Vitalista dotado de vida e luz própria, de uma produtividade híbrida, rizomática, que dá pulos, faz desembocaduras, caminhadas e desvios. Este Currículo errante “escapa” ao controle institucionalizante da escola, pois:

Ao movimentar em outro espaço-tempo, esse currículo-errante é inconstante, versátil, anda de terra em terra, corre mundo; de modo que os seus pontos se alternam, subordinados aos seus trajetos que eles mesmos vão traçando; enquanto os seus traços apagam-se à medida que os trajetos vão sendo feitos. Em movimento perpétuo, com vagos trejeitos de um currículo ambulante, distribui-se, em espaços abertos, sem partilha, sem alvo nem destino, sem partida nem chegada, crescendo no meio do campo curricular como grama. (CORAZZA, 2013, p. 28).

Com o confeto “Lugar-Caminho do Aprender ‘dia de skate’”, os jovens problematizam o aprender ao pensá-lo como caminho e acontecimento “dia de skate”, que tem a ver com o aprender sujeito às quedas, aos erros e aos imprevistos. Isto não é problema ou dificuldade para o aprendizado, pelo contrário, os deslizos são valorizados no processo para se aprender, constituindo-se mesmo como parte dele; pensamento quase oposto ao da maioria das escolas, onde o erro é visto de forma negativa, sinalizando algo ruim ou que foi mal compreendido pelos alunos. Ao discutir com o grupo-pesquisador sobre esse “Lugar-Caminho do Aprender ‘dia de skate’”, uma das jovens do grupo responde:

Quando a gente cai, não só no skate, mas também na vida, a gente aprende é com os erros. Então errar, cair, não é só sinônimo de imperfeição, mas de aprendizado, pois quando a gente erra, na próxima vez em que for fazer, já vai saber como fazer da maneira certa. (Copesquisadora Polly).

Diante de tais convicções, compreendemos que os skatistas mostram não ter controle sobre esse aprender. “Deslizam” por ele, arriscando-se a viver as experiências que esse caminho do aprender propõe, mesmo que isso exija muitas quedas, desvios e saltos para se chegar a tal aprendizado. Pois, como afirma um dos copesquisadores dessa pesquisa, é com a prática do skate que

muitos deles(as) se sentem mais alegres e motivados para realizar as atividades cotidianas, inclusive as relacionadas ao aprender e aos erros que também fazem parte do processo de aprendizagem. Vejamos na seguinte fala:

Acho que todo skatista sente muito prazer em andar de skate, por isso que muitas vezes deixa de fazer tudo para ir andar de skate, só pensa em andar de skate. Meu corpo sente uma sensação de liberdade, esquece todos os problemas da vida, tipo, quando eu 'tô' muito estressado, eu pego meu skate e vou andar, para mim é a solução, é como se me desse uma amnésia, esqueço de tudo, só quero saber de acertar a manobra. (Copesquisador Tranquilo).

Acreditamos, portanto, que diante dessa prática, os jovens inventam novas formas culturais para apropriação e participação no meio social, passando a se expressar, falar, interagir e viver a realidade em um contínuo processo de criação de si e do grupo, por meio da alegria e do prazer com que praticam este esporte em seus múltiplos espaços de itinerância.

Conclusão

A partir das reflexões desenvolvidas consideramos que ao invés de punir, vigiar ou controlar aqueles(as) que rompem as normas e os padrões instituídos, buscando enquadrá-los(as), os(as) educadores(as) deveriam se inspirar nas experiências de dissidência para repensar o próprio educar. Assim, ao invés de ensinar e reproduzir a abjeção e a repugnância da diferença, o processo de aprendizado poderia ser de ressignificação do estranho, como veículo de mudança social e abertura para um futuro mais humano e diversificado (ADAD; MARTINS; NASCIMENTO, 2020), pois o aprender sob o olhar insubordinado das práticas culturais juvenis, especialmente a do *skateboard* no qual destacamos em nosso estudo, é exatamente aprender pela experiência, que contorna o saber fragmentado e sedentário da escola, e que se amplia para além de seus muros, permitindo a indisciplina dos corpos juvenis, corpos deslizantes como o dos jovens skatistas, que se libertam e se expressam por meio dessa prática radical.

Destacamos que os confetos produzidos pelo grupo-pesquisador dos jovens skatistas abre espaço para uma percepção dos modos de aprender que dão visibilidade à importância do corpo em movimento, relevando uma postura de resistência que torna os jovens livres e empoderados de si, permitindo a desconstrução do corpo silencioso e tímido, que surge em meio às relações institucionais fundamentadas na divisão e no sedentarismo ainda presente em muitos espaços escolares. Percebemos, ainda, que o grupo-pesquisador deu origem para confetos que mostram que o ser humano tem múltiplos conhecimentos, que sendo produzidos, vão se combinando entre si, interconectando-se, mestiçando-se, permutando-se, fazendo múltiplas conexões que não tem centro, nem hierarquias, sendo um emaranhado de linhas e de saberes que pode se conectar de infinitas formas (GALLO, 2008).

Em últimas palavras, aprender, para esses jovens, está voltado para as sociabilidades juvenis, o lazer e o prazer de viver um aprendizado pela imanência absoluta, que surge da vida ativa, a partir de um currículo vitalista, dotado de luz própria, de saltos, quedas e desvios, e que ocorre não somente nas escolas, mas também nas ruas e em seus múltiplos espaços que são completamente povoados e desbravados pelos jovens skatistas (CORAZZA, 2013).

Referências

- ADAD, Shara Jane Holanda Costa de; SILVA, Pollyana das Graças Ramos. Como Se Aprende com o corpo em Movimento: narrativas de futuros pedagogos em formação na temática das juventudes. *Linguagens, educação e sociedade*: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPI, Teresina, v. 18, p. 19-50, 2013.
- ADAD, Shara Jane Holanda Costa de. *Corpos de rua*: cartografia dos saberes juvenis e o sociopoetizar do desejo dos educadores. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- ADAD, Shara Jane Holanda Costa de; NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira; MARTINS, Lucivando Ribeiro. (2020). Aprendizagens em educação e as diferenças – resistências ao heteroterrorismo cultural: que só os beijos te tapem a boca. *Research, Society and Development*, Itajubá, v. 9, n. 8, p. 1-24, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i8.5928.
- ADAD, Shara Jane Holanda Costa de; SILVA, Krícia de Sousa. A sociopoética como potência inventiva nas pesquisas com/entre jovens: “descolonizando conceitos de aprender”. In: ALMEIDA, Nadja Rinelle Oliveira de; DAMASCENO, Maria Nobre; SALES, Celecina de Maria Veras. *Pesquisa qualitativa: formação e experiência*. Fortaleza: Editora CRV, 2016. p. 32-44.
- BAREMBLITT, Gregório. *Introdução à Esquizaanálise*. 2. ed. Belo Horizonte: Biblioteca Instituto Félix Guattari, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida para o consumo*: a transformação das pessoas em mercadorias. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2008.
- BRANDÃO, Leonardo. *A cidade e a tribo skatista*: juventude, cotidiano e práticas corporais na história cultural. Dou-rados: Editora UFGD, 2011. 160 p.
- CARRANO, Paulo César Rodrigues. *Juventudes e cidades educadoras*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CORAZZA, Sandra Mara. *O que se transcria em educação?* Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013.
- GALLO, Silvio. *Deleuze e a Educação*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. (Série Pensadores & Educação).
- GAUTHIER, Jacques. Metáfora e conceito em pesquisas qualitativas. *Revista enfermagem UERJ*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 301-307, set./dez. 2003. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v11n3/v11n3a11.pdf>. Acesso 15 jul. 2015.
- GAUTHIER, Jacques. *O Oco Do Vento*: metodologia da pesquisa sociopoética e estudos transculturais. Curitiba: Editora CRV, 2012.
- GAUTHIER, Jacques. *Sociopoética*: o livro do iniciante e do orientador. [S. l.], 1999. E-book.
- LARROSA, Jorge. *Tremores*: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- NASCIMENTO, Wanderson Flor do. *Esboço de crítica a escola disciplinar*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (org.). *Culturas Jovens*: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2006. p. 208-255.
- SILVA, Krícia de Sousa. *Manobras sociopoéticas*: aprendendo em movimento com skatistas do litoral do Piauí. For-taleza: EDUECE, 2018.
- SPOSITO, Marília Pontes. Juventude: crise e identidade na escola. In: DAYRELL, Juarez. *Múltiplos olhares*. Belo horizonte: Editora UFMG, 1996. p. 96-104.

Data de submissão: 31/01/2021

Data de aceite: 27/01/2021

